



**Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Humanas (CECH)
Departamento de Psicologia
Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua
Portuguesa**

**“Caibo aqui?”: trans(sinais) na formação acadêmica em tradução e
interpretação Libras/Língua Portuguesa**

Discente: Alice Agnes de Souza Silva

Relatório de produção audiovisual apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Janaina Cabello

**São Carlos
2023**

Agradecimentos

À minha querida orientadora, Janaina Cabello, por ter me enxergado e me acolhido no curso, por me ouvir e se abrir para as nossas valiosas trocas, por acreditar que eu tinha alguma coisa importante a dizer, pelas vezes que me contactou durante a pandemia perguntando se eu estava bem, pelos contatos que me proporcionou, por aceitar orientar meu trabalho de conclusão de curso e fazê-lo de maneira impecável e afetuosa. Obrigada Jan, conseguimos!

Aos meus pais que me colocaram neste mundo, que me cuidaram com muito amor enquanto eu não poderia fazê-lo por conta própria.

Aos laços que criei, nas casas onde morei assim que cheguei na cidade de São Carlos, depois da ruptura familiar:

Agradeço a Erika Hilton, que me pariu quando cheguei assustada na cidade, me ensinou a ser forte, estratégica, se fez minha referência, minha melhor amiga, confidente, que também me ensinou que ser travesti é duro muitas vezes, mas que é maravilhoso!

Ao Rafael que foi meu companheiro e por alguns anos me apoiou e me incentivou muito em tudo, principalmente em entrar na universidade.

À Angela Lopes, Traviarca da cidade de São Carlos, militante trans e vanguardista, uma referência, a primeira pessoa trans a retificar o nome sem a necessidade da cirurgia de redesignação sexual, a quem tive a honra de chamar de irmã e aprender muito com suas histórias

À professora Fernanda Castelano Rodrigues, por quem tenho uma imensa admiração, por ser uma mulher inspiradora. Gratidão por ter segurado a minha mão desde que nos conhecemos, por ter me aberto portas, se preocupado comigo tantas vezes e ter aceitado meu convite para ler este trabalho.

Agradeço também à querida professora Heloísa Matos Lins por todas as lindas trocas e também por aceitar ler e dar seu parecer sobre meu trabalho.

Ao João, Raul, Bru, Andrey e todos os Irmãos e amigos que me fortaleceram até aqui, me ajudando, me acolhendo nos momentos difíceis, acreditando em mim e brilhando comigo pela vida.

Às alianças que fiz ao longo do curso TILSP, minhas amigas da graduação Luana Elias e Luciana Pankararu. Nos unimos desde o início da graduação, compartilhando vivências, afetos e as batalhas diárias de estar dentro de uma universidade pública, sendo mulheres, pobres - uma negra, uma trans e uma indígena.

Ao Grupo de Estudo Surdez e Diferenças em Pautas (GEDISp) e ao PET Usina de Reflexão que me proporcionaram reflexões sobre as diferenças, raça, gênero, sexualidade, decolonialidade, ações afirmativas e o acesso à universidade pública.

Ao Daniel Manzini por todo amor, por ter sido sempre companheiro, lar, família e por me incentivar e me apoiar tanto até aqui.

À todas as travestis brasileiras, as que conheci e as minhas ancestrais e a comunidade trans no geral.

Resumo

Neste trabalho de conclusão de curso, apresento uma proposta de produção audiovisual bilíngue, em que a Libras é colocada em destaque para a apresentação e discussão da temática que versa sobre a reflexão do corpo da pessoa tradutora/intérprete de Libras/Língua Portuguesa (TILSP), em específico o corpo Trans (que é pouco visto nesse campo profissional), seus atravessamentos, desafios e potência no contexto da tradução e interpretação de Libras e no campo da surdez. Nesse sentido, meu objetivo foi desenvolver/criar/produzir um material audiovisual, de cunho autobiográfico, acessível a pessoas surdas e ouvintes, que podem se beneficiar da produção para reflexão a discussão sobre a ideia cânone do corpo do profissional Tradutor e intérprete de Libras bem como inclusão e diferenças e suas várias possibilidades de intersecção dentro deste campo de atuação, neste caso um corpo travesti assumindo a posição de intérprete. O material editado e finalizado será disponibilizado gratuitamente no canal do curso TILSP no Youtube, bem como o roteiro em português e a sistematização e fundamentação teórica submetida posteriormente na plataforma da biblioteca pública da Universidade. Como resultados, espero contribuir para incitar a reflexão crítica sobre a diversidade dos corpos, de modo a propor um repensar nas representações do TILS e por sua vez, no imaginário do senso comum, para com o cenário de Tradutores e Intérpretes de Libras.

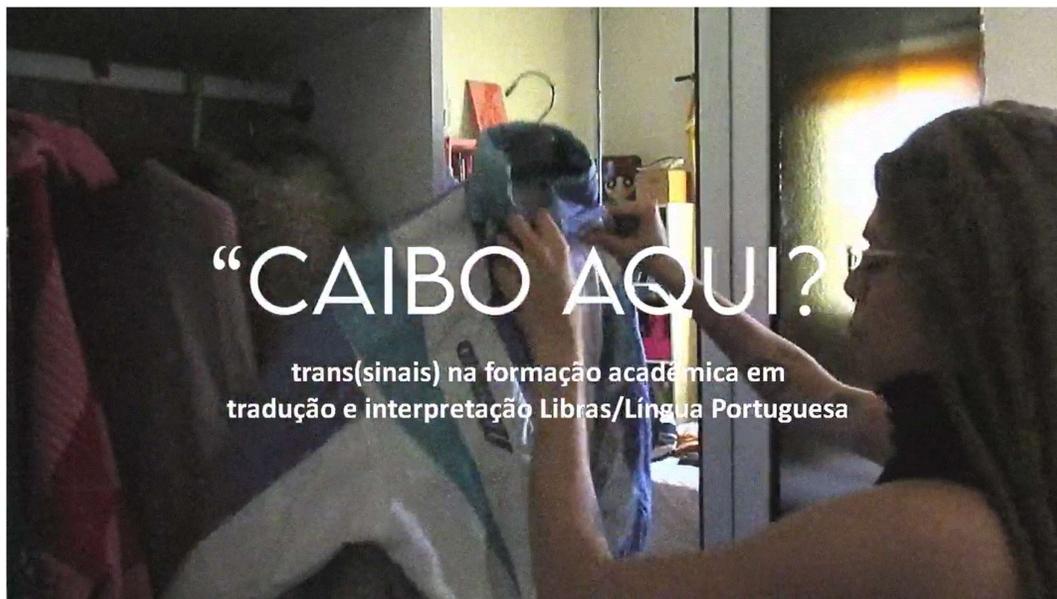
Palavras-chaves:

Tradutor intérprete de Libras, Interseccionalidade, Trans inclusão, Decolonialidade

Sumário

Resumo	4
Stills e Link para o acesso ao vídeo-documentário.....	6
1. Apresentação e breve fundamentação teórica.....	7
2. Objetivos.....	7
3. Sistematização das etapas de trabalho.....	8
4. Breve descrição dos resultados alcançados.....	8
5. Público-alvo previsto.....	8
6. Roteiro.....	9
7. Algumas considerações.....	13
8. Referências bibliográficas.....	15

“Caibo aqui?”: trans(sinais) na formação acadêmica em tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QyqwxrlebJA>

1. Apresentação e breve fundamentação teórica

Quando ingresso no curso de Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa (TILSP) na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, começo a mergulhar em muitas discussões sobre a vivência, especificidades e desafios da comunidade surda brasileira e também a compreender, com maior profundidade, o propósito e a importância social e política da atuação do tradutor intérprete de Língua de Sinais. Paralelamente a essas discussões que borbulhavam, passo a perceber meu corpo travesti e ouvinte, acessando este novo espaço para mim – o do movimento social surdo e também da atuação profissional da pessoa intérprete de Libras - desencadeando novas inquietações que culminaram no encontro do Grupo de Estudos Diferenças e Surdez em pauta (GEDISp), coordenado pela professora Dra. Janaina Cabello, do departamento de Psicologia da UFSCar.

As discussões realizadas pelo grupo me proporcionaram reflexões sobre a surdez e seus tantos atravessamentos com outras diferenças de demais grupos minoritarizados como mulheres, negros, comunidade LGBTQIAP+, indígenas, por exemplo. Partindo dessa minha experiência, me proponho nesta produção audiovisual a pensar sobre diferenças (SKLIAR, 2003), surdez (SKLIAR 1998; CAMPELLO; REZENDE, 2014), interseccionalidade (COLLINS, BILGE, 2021; AKOTIRENE, 2019) e (de)colonialidade (KRENAK, 2019; 2020; hooks, 2020) na relação com os estudos da tradução/interpretação Libras e Língua Portuguesa e o campo de formação de intérpretes de Libras.

2. Objetivos

Partindo de uma produção audiovisual bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) e de cunho autobiográfico, proponho apresentar uma discussão na área da tradução e interpretação de Libras/Língua Portuguesa sobre a corporalidade da pessoa profissional intérprete, os impactos e desafios que corpos dissidentes encontram nesse meio e também refletir sobre inclusão, diferenças e suas várias possibilidades de intersecção dentro deste campo de atuação.

3. Sistematização das etapas de trabalho:

3.1 Pré-produção:

- a. Esquematização de roteiro: elaboração do texto em português;
- b. estudo do vocabulário para a tradução em Libras;
- c. construção das glosas do texto (português -> Libras);

3.2 Produção:

- d. captação de imagens externas;
- e. tradução para Libras (consulta a profissionais intérpretes e encontros de orientação para construção da tradução, esclarecimentos de dúvidas etc);
- f. gravações teste em libras;
- g. gravação final;

3.3 Pós-produção:

- h. legendagem em português escrito;
- i. edição e finalização do vídeo.

4. Breve descrição dos resultados alcançados:

Como resultados, foi produzido um material vídeo-documentário em Libras, de cunho autobiográfico, trazendo à luz a discussão sobre pessoas trans e corpos dissidentes de normas propostas por instituições regulamentadoras da atuação de profissionais intérpretes de Libras¹, tendo em vista que este campo de atuação foi historicamente constituído, a partir de uma premissa assistencialista, por diferentes vertentes e grupos religiosos (ASSIS SILVA, 2012), antes da profissionalização através Lei nº 12.319 (BRASIL, 2010).

5. Público-alvo previsto:

¹Aqui, gostaria de destacar especificamente o Capítulo III do Código de Ética e Conduta Profissional do Intérprete de Libras, em seu Art. 10, item III, quando apresenta: “É de responsabilidade do TILS e do GI: [...] III. **Apresentar-se adequadamente com relação à postura e à aparência**”. Uma discussão mais ampla nesse sentido pode ser encontrada em Cabello (2020).

Este material destina-se a interagir com a comunidade surda, com os pesquisadores e profissionais do campo da tradução e interpretação de Libras e, de maneira geral, também para a comunidade ouvinte interessada nos estudos surdos, na educação intercultural/bicultural, nas discussões e pedagogias decolonias/interseccionais, no debate sobre gênero, estudos trans e acesso ao ensino superior. Destaco, ainda, a inversão proposital na “acessibilidade” proposta com o material, uma vez que o trabalho destaca a Libras e os recursos de acessibilidade (narração em português e acesso à legenda escrita) destina-se ao público ouvinte.

6. Roteiro:

Primeiro momento - Apresentação do corpo Alice e instituição (UFSCar):

Takes de mim me arrumando, saindo de cena e aparece o título do documentário.

Entrando na universidade: take da fachada/entrada da federal.

Segundo momento:

Pensando que nesse momento pode ter um tom de entrevista. Sentada em algum lugar da universidade onde eu me reconheça, que tenha marcado minha permanência da universidade, o lugar escolhido foi o “Palquinho”, espaço onde encontro amigues nos intervalos de aula, onde tomo o café da Dona Sônia no Forte Apache, sempre com a trilha sonora da galera da Rádio Capivara (rádio independente), espaço onde eu montava minha arara de brechó pra trabalhar, quando ainda não era aluna, onde sorri, chorei e dancei.

Me apresento (em Libras):

Oi, meu nome é Alice, este é meu sinal. Estudo no curso TILSP aqui na UFSCar na cidade de São Carlos. Entrei no curso no ano de 2018.

Como eu escolhi o curso? me lembro que no ano 2017 eu estava numa fila na rodoviária, lá no Rio de Janeiro, quando de repente uma mulher veio em minha direção sinalizando, ela sinalizava rápido e tinha um ar de preocupada, eu fiquei nervosa, desesperada e até com vergonha pois foi aí que eu percebi que eu não sabia conversar

com uma parcela da população aqui do meu país, justamente por não saber sua língua. Ao passo que a mulher se aproximava, minha ansiedade só aumentava, pensei várias maneiras de tentar uma comunicação com ela, ela poderia estar precisando de alguma informação, por exemplo... no final das contas ela estava conversando com outra mulher que estava atrás de mim (risos) nunca foi sobre mim mas naquele momento me ecoou. No ano seguinte, olhando a lista de cursos da UFSCar vi o TILSP e o escolhi.

Intervalo, com takes

Takes andando pela universidade e do palquinho.

[Aqui segue em modo entrevista]

Quando ingresso no curso começo a mergulhar em muitas discussões sobre a vivência, especificidades e desafios da comunidade surda brasileira e também a compreender, com maior profundidade, o propósito e a importância social e política da atuação do tradutor intérprete de Língua de Sinais. Paralelamente a essas discussões que borbulhavam, passo a perceber meu corpo travesti e ouvinte, acessando este novo espaço para mim, da surdez e do profissional intérprete de Libras, desencadeando novas inquietações, logo no começo do curso.

Essas inquietações levaram ao encontro do Grupo de Estudos Diferenças e Surdez em pauta (GEDISp), coordenado pela professora Janaina, ali debatemos e refletimos mais profundamente as várias possibilidades de interseção das diferenças como por exemplo: Surdez, gênero, raça, etnia, sexualidade e outros, também conheci o grupo de estudos Abayomi que me trouxe ótimas reflexões sobre o corpo de intérpretes pretos e a necessidade de questionar o padrão de vestimenta, iluminação e edição, durante interpretações e traduções, enriquecendo meu pensamento crítico sobre o corpo do TILS e suas especificidades.

Intervalo, com takes

[Nesse momento aparecem takes do campus e da ADUFSCar, o sindicato dos docentes onde atuo como estagiária].

Voltando à entrevista:

Quando pensamos a surdez como diferença, enxergamos como uma forma de experienciar o mundo, potente e rica, com uma língua e com uma cultura. Mas a comunidade surda encontra inúmeras barreiras impostas pela sociedade e pelo ouvintismo: “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 1998).

Portanto, pode-se afirmar que a comunidade surda é também um grupo inferiorizado pela sociedade e que luta arduamente por seus direitos, assim como outros grupos igualmente minoritarizados. Vivemos em uma sociedade que ao contrário do que alguns desejam, a realidade é a diversidade. Todos somos diferentes, mas algumas diferenças, ou a maioria delas, são massacradas, sobretudo no nosso país, quando marcas identitárias se misturam, percebe-se a necessidade de olhar para o cenário partindo de um olhar interseccional.

A interseccionalidade, ao reconhecer que a desigualdade social raramente é causada por um único fator, adiciona camadas de complexidade aos entendimentos a respeito da desigualdade social. Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica vai muito além de ver a desigualdade social através de lentes exclusivas de raça ou classe; em vez disso, entende-se a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder (COLLINS, 2021).

[Neste momento é mostrado um take de várias peças de roupas sendo jogadas na cama, como quem procura o que vestir].

O cenário das universidades públicas tem se transformado nos últimos anos graças às políticas de ações afirmativas que garantem reserva de vagas para o ingresso de alunos negros, indígenas, PCDs, estudantes de escolas públicas, visto que esses são grupos minoritarizados e que conseqüentemente lhes era negado espaços como esse.

Em geral as pessoas usam a interseccionalidade como ferramenta analítica para resolver problemas que elas próprias ou gente próxima a elas têm de enfrentar. Por exemplo, a maioria das faculdades e universidades da América do Norte encara o desafio de transformar seus campi em ambientes mais justos e inclusivos. As divisões sociais resultantes das relações de poder de classe, raça, gênero, etnia, cidadania, orientação sexual e capacidade são mais evidentes no ensino superior. Hoje, faculdades e universidades abrigam um número maior de estudantes que, no passado, não tinham condições de pagar pelo ensino superior (questões de classe); ou estudantes que historicamente

precisaram lidar barreiras discriminatórias à matrícula (devido a questões de raça, gênero, etnia, autoctonia, estatuto de cidadania); ou estudantes que enfrentavam diferentes formas de discriminação (questões relativas a orientação sexual, capacidade, religião) nos campi (COLLINS, 2021)².

Nós da comunidade trans estamos em processo de luta para que seja implementada também a reserva de vaga para alunas travestis e pessoas trans. A ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) já emitiu uma nota trazendo informações sobre a importância da política de cotas e reservas de vagas destinadas em universidades públicas para o acesso da população de travestis, mulheres e homens trans, transmasculinos e demais pessoas trans.

[Voltamos a cena das peças de roupas, “escolho” a peça de roupa preta, que é considerado o padrão de vestimenta do intérprete de Libras. Em seguida me olho no espelho com a roupa preta e aparece takes de uma certa insatisfação com a ideia de um padrão].

A fim de garantir o acesso à universidade e a construção científica por pessoas trans que tem sido prejudicada historicamente devido ao processo de apagamento social da sua identidade e expressão de gênero, que tem expulsado nossos corpos dos bancos escolares e impossibilitando a chegada ao ambiente acadêmico, ou ainda àquelas que mesmo tendo conseguido entrar na universidade, encontram dificuldades motivadas por sua condição para a continuidade, devido a fatores sociais e situação de vulnerabilidade, que se encontram para cotas na pós-graduação (ANTRA, 2020).

Apesar disso, o processo de mudança da “cara da universidade pública” tem sido árduo e doloroso para as comunidades minoritizadas, pois a universidade pública ainda é um espaço no qual pouco nos identificamos, um espaço muito elitizado, branco, cisgênero, sem deficiência, heterossexual tanto no que se diz respeito aos corpos que ali circulam e assumem as posições de poder, quanto nas reflexões e pensamentos de autores colonizadores.

Refletindo sobre a Trans existência nesse curso/profissão

Como já dito, nossa sociedade apresenta um gritante cenário de desigualdade, violências e preconceito, com relação a comunidade trans as situações de opressão e

² A citação apresentada aqui não entra na produção audiovisual.

violência são elevadas em altos níveis. O Brasil é o país que mais consome pornografia Trans ao mesmo passo que é o país que mais mata pessoas trans, sobretudo as mulheres trans negras, temos barreiras diariamente para fazer coisas simples do dia a dia por ignorância e desrespeito ao nome social, somos abordadas sempre como se à nossos corpos as “regras” sociais não se encaixassem com perguntas constrangedoras, muitas vezes em público, sobre nosso corpo entre outras agressões, culminam em evasão escolar. Estar na universidade, sobretudo uma universidade pública, é um ato político.

A reivindicação por direitos, inclusive educacionais, que muitas frentes acadêmicas e dos movimentos sociais, de travestis e pessoas trans organizadas, produzem, revela o crescente desejo às reparações históricas E aqui certamente, não seriam as reparações que “mereceram” os imigrantes italianos e outros europeus nos séculos passados (GERALDO, 2009). Seriam aquelas que garantem direitos sociais básicos em função dos permanentes (e ainda existentes!) processos de exclusão, que forçadamente, nós, travestis e pessoas trans, somos instadas a vivenciar (YORK, 2020).

7. Algumas considerações

Assim com Angela Davis diz: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, é verdade também que quando uma travesti se move nesses espaços que nunca nos recebeu, aliás, que sequer nos enxergou enquanto possibilidade, todas nós movemos juntas, porque é a partir daí que começamos a contar quem somos e que começamos um processo, ainda que vagaroso, de desmanchar as ideias pejorativas e estigmatizadas sobre nossos corpos e nossa existência, recriando nos imaginários novas narrativas, as verdadeiras! Sobre nosso valor, nossa resiliência, resistência e potência.

Estar na universidade e no curso de Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa é um desafio para mim, justamente por sentir falta de pessoas como eu neste espaço, sobretudo no momento de atuação onde a corporalidade do sujeito intérprete é a ferramenta de trabalho principal e fica completamente exposta e com isso nossas marcas identitárias, ficam expostas também.

É importante neste momento, fazer um breve resgate histórico no processo de luta da comunidade surda, para lembrar que durante um longo período, se é que pode-se afirmar que esse cenário tenha mudado, a comunidade surda foi enxergada, de alguma maneira amparada (de modo assistencialista) e por sua vez, influenciada por grupos religiosos tanto católicos quanto protestantes. De acordo com Assis Silva (2012) em seu

livro “*Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*”, os agentes batistas vieram dando continuidade ao processo desencadeado pelos luteranos nesse acesso a comunidade surda, de modo que para suprir a função da tradução do cristianismo para surdos, o meio batista elaborou, de modo bem acabado, um personagem fundamental: o intérprete. Esse fato tem um grande impacto no que se diz respeito a imagem que é criada no imaginário da comunidade surda (e ouvinte também), com relação ao corpo (sobretudo o ideal de corpo) do Tradutor e intérprete de Libras.

Entretanto, podemos dizer que a área da tradução e interpretação de Libras tem sido ocupada, e cada vez mais, por corpos dissidentes da norma, como eu, pessoas pretas, indígenas, gordas, PCDs e outros. Com isso, se faz necessário discutir sobre os impactos e desafios que corpos dissidentes trazem e encontram nessa profissão e também refletir sobre inclusão, diferenças e suas várias possibilidades de intersecção dentro deste campo de atuação.

8. Referências bibliográficas:

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Nota sobre cotas e reservas de vagas em universidades destinadas às pessoas trans, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/12/17/nota-antra-cotas-universidades-pessoas-trans/>. Acesso em 10 de Setembro de 2022.

ASSIS SILVA, Caio Augusto de. **Cultura Surda: Agentes Religiosos e a Construção de uma Identidade**. São Paulo, Terceiro Nome, 2012.

BRASIL, Lei 12.319 de 1 de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm Acesso em 14/08/2023.

CABELLO, Janaina. Por uma formação decolonial no campo da tradução e interpretação Libras/Língua Portuguesa. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 14, n. 34, 2020.

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Em defesa da escola bilíngue para surdos: A história de lutas do movimento surdo brasileiro**. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

YORK, Sara. TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os “cistemas” de Pós-Graduação. Rio de Janeiro, 2020.